

A EDUCAÇÃO E AS DIVERSIDADES CULTURAIS NA AMÉRICA LATINA

Maria Aparecida Costa Oliveira ¹
Armélinda Borges da Silva ²
Elaine Rodrigues Nichio ³
Fábio Santos de Andrade ⁴
Juracy Machado Pacífico ⁵

INTRODUÇÃO

O processo de colonização na América Latina inicia-se pela ação de homens e mulheres explorando homens e mulheres negras e indígenas, devido se colocarem como superiores por suas culturas, crenças, cor de pele e pelo poder do capital. A sociedade atual enfrenta reflexos da colonização, causando momentos difíceis, de crise financeira e econômica, com sujeitos com uma ambição que vai contra ao processo de humanização com os pertencentes de todos os grupos com os outros, o que faz com que a educação acabe se tornando reprodutora de culturas da elites dominantes, sendo adversa a diversidade cultural e também aliada a ofensiva neoliberal.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é apresentar um diálogo entre duas autoras que refletem sobre as diversidades culturais na América Latina, sendo elas, Catherine Walsh (2009), com o texto “Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver” e Fabíola Pineda (2009), com o texto “É hora de sacudir os Velhos Preconceitos e de Construir a Terra: sobre a Educação Intercultural”. As duas autoras apresentam uma perspectiva pós culturalista e pós crítica, nos trazendo reflexões sobre os diferentes grupos que formam a sociedade e a importância de todos esses grupos na sociedade, nos currículos educacionais e nos processos formativos.

Constatamos nas literaturas de Catherine Walsh e Fabíola Pineda que faz-se necessário frequentemente nos colocarmos no lugar do outro e de cada vez mais valorizarmos todos os grupos que compõe a sociedade. O processo de escravidão no Peru, assim como no Brasil, perdurou por centenas de anos, e deixou rastros na sociedade que o tempo ainda não foi capaz de apagar.

Assim, as autoras refletem sobre o processo histórico da formação da sociedade e enfatizam que a intolerância é um pilar a ser desconstruído em prol de uma educação emancipatória que refletirá em uma sociedade justa e integradora. Para isso, faz-se necessário que a escola seja um

¹ Doutoranda em Educação Escolar da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, maria.oliveira@ifro.edu.br;

² Doutoranda em Educação Escolar da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, armelindabs@gmail.com;

³ Doutoranda em Educação Escolar da Universidade Federal de Rondônia- UNIR, elaine.rodrigues@ifro.edu.br;

⁴ Professor orientador: Doutor em Educação, Universidade Federal de Rondônia - UNIR, fabioandrade@unir.com;

⁵ Professora orientadora: Doutora em Educação, Universidade Federal de Rondônia - UNIR, juracypacifico@unir.br;

ambiente acolhedor e inclusivo, e muitas vezes ela se torna um mecanismo eficiente para reprodução de culturas e saberes das elites dominantes. Neste contexto, as autoras questionam a sociedade e nos convida a rever velhos conceitos, e pensarmos em uma organização curricular pautada no respeito as diferença e as diversidades culturais.

As reflexões apresentadas pelas autoras nos desafiam a compreender o mundo de uma forma integradora e cidadã, com a necessidade de quebrar um pouco a narrativa do sujeito que se coloca como superior ao outro devido suas culturas, etnia e cor de pele, e ao mesmo tempo coloca o leitor na perspectiva contínua da busca pelo conhecimento, com a compreensão que a sociedade não vai achar respostas e receitas para todos as questões, mas, que existe a necessidade urgente de estarmos abertos ao diálogo.

O caminho apresentado pelas autoras para o diálogo é por meio da interculturalidade, com uma escola para todos, que refletirá em um sociedades para todos, que valoriza a riqueza presente em todos os grupos, com pessoas capazes de quebrarem paradigmas, desconstruir práticas e saberes e se humanizarem constantemente. Nenhuma cultura, saberes, práticas e crenças são superiores a outras, todos os grupos são importantes para a formação da sociedade, e é só devido a esses grupos que temos uma sociedade.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa seguindo os preceitos de Lüdke e André (2017). Para as autoras, o papel do pesquisador na abordagem qualitativa é de servir como ativo entre esse conhecimento construído na área e as novas evidências que serão estabelecidas no transcorrer da pesquisa. Não tem como existir um modelo único e acabado de análise de dados. A capacidade de elaboração de um processo de busca de significados nos dados obtidos está vinculada à formação dos pesquisadores de acordo com seu enfoque teórico e a sua criatividade. Para a escrita do trabalho nos alicerçamos na pesquisa bibliográfica com base nos estudos de Gil (2002, p. 45), ao descrever que “a pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos”.]

REFERENCIAL TEÓRICO

Walsh (2009), aponta a necessidade de ler o mundo criticamente, intervir na reinvenção da sociedade e visibilizar a desordem absoluta da descolonização, apresentando um texto que reflete sobre a sociedade atual no contexto latino-americano, enfatizando a luta dos movimentos indígenas e afrodescendentes e como esses grupos estão conseguindo firmar na perspectiva da construção da

sociedade. Assim, a autora parte da compreensão, a partir da perspectiva da “colonialidade” para a compreensão da sociedade atual, se colocando numa perspectiva crítica da interculturalidade e buscando o questionamento, a transformação, intervenção, ação e criação de condições radicalmente distintas de sociedade, humanidade, conhecimento e vida, assumindo assim a perspectiva da descolonização.

Pineda (2009) chama a atenção para os momentos difíceis em que o mundo se encontra, devido a uma crise financeira e econômica, assim, aponta a necessidade da reflexão em torno da educação. Ressalta a discrepância no qual se mede o desenvolvimento de um país, pois considera-se que o poder do capital obtido é considerado e as vidas sustentadas, não fazem parte dessa discussão. Pontua-se que a educação está aliada à ofensiva neoliberal, o que leva a uma reflexão significativa, pois um dos objetivos primordiais do neoliberalismo é diminuir o poder dos sindicatos, não dando voz aos diferentes grupos que formam a sociedade e ao mesmo tempo tirando dos governantes a responsabilidade e compromisso com o social e elevando a função ao mercado.

Pineda (2009) afirma que a educação não apresenta conceitos e conteúdos para aprender a conviver, reconhecendo e valorizando as diferenças e que o dilema que existe entre os seres humanos, no que se refere a cultura se expressa na intolerância ante os grupos de não pertença, assim a consciência humana poderia ser mais sensível à experiência acumulada e ter presente a afirmação de que a humanidade só é possível através de nossa pertença a um grupo, da identificação com os grupos concretos.

Walsh (2009), complementa a discussão afirmando que a diversidade cultural da América Latina constitui um eixo importante, tanto na esfera nacional-institucional como no âmbito/transnacional, enfatizado que é importante contextualizar e iluminar a politização das lutas do movimentos sociais-ancestrais e suas demandas por reconhecimento e direitos. Pois, enquanto a dupla modernidade-colonialidade historicamente funcionou a partir de padrões de poder fundados na exclusão, negação e subordinação e controle dentro do sistema capitalista, hoje se esconde por trás de um discurso (neo)liberal multiculturalista.

Para a autora o projeto político, social, epistêmico e ético, a interculturalidade crítica expressa e exige uma pedagogia e uma aposta em práticas pedagógicas que apresenta a diferenças culturais como essenciais em termos relacionais, com seu vínculo histórico-político-social e de poder, para construir e afirmar processos, práticas e condições diferentes. Assim, a pedagogia é entendida além do sistema educativo, do ensino e transmissão do saber, e como processo e prática sociopolíticos produtivos e transformadores assentados nas realidades, subjetividades, histórias e lutas das pessoas, vividas num mundo regido pela estrutura colonial.

Pineda (2009) dialoga com Walsh (2009) refletindo sobre a sociedade na América Latina, pontuando que a independência não significou a eliminação do racismo e da discriminação, pois o estado centralista foi avassalador dos direitos dos membros das culturas e povos, pois o conceito de identidade nacional serviu, como instrumento ideológico, aos interesses das classes dominantes frente a uma realidade multicultural e multilíngue. Neste contexto, toda violência cultural produziu no interior das pessoas e culturas marginalizadas profundos sentimentos de irreconciliação que devem encontrar em nosso país espaços públicos de expressão e clarificação, pois as culturas originárias ou povos indígenas sempre existiram, mas se governou como se não existissem.

Pineda (2009) afirma que as culturas se referem às estruturas profundas da vida humana que se manifestam através de condutas e instituições sociais, assim, o diálogo intercultural possibilita a comunicação intercultural, habilidade para negociar, ou seja, não é só intercâmbio de mensagens, é, sobretudo, uma construção conjunta de sentidos onde não está ausente a incerteza, a insegurança de compreender e ser compreendido para evitar, no possível, os mal-entendidos. A interculturalidade, o diálogo intercultural, não é uma atitude inata, mas um esforço permanente para se relacionar de uma maneira positiva, criativa, que vá fazendo possíveis as relações de igualdade entre diferentes.

Walsh (2009), acrescenta que o enfoque e a prática que se desprende da interculturalidade crítica não é funcional para o modelo de sociedade vigente, mas um sério questionador dele, pois a interculturalidade funcional assume a diversidade cultural como eixo central, a interculturalidade crítica parte do problema do poder, seu padrão de racialização e da diferença. O interculturalismo funcional responde e é parte dos interesses e necessidades das instituições sociais; a interculturalidade crítica, pelo contrário, é uma construção de e a partir das pessoas que sofreram uma histórica submissão e subalternização.

Assim, Walsh (2009) destaca que partir do problema estrutural-colonial-racial e dirigir-se para a transformação das estruturas, instituições e relações sociais e a construção de condições radicalmente distintas, a interculturalidade crítica – como prática política – desenha outro caminho muito distinto do que traça a interculturalidade funcional. Mas tal caminho não se limita às esferas políticas, sociais e culturais; também se cruza com as do saber e do ser. Ou seja, se preocupa também com a exclusão, negação e subalternização ontológica e epistêmico-cognitiva dos grupos e sujeitos racializados. Pineda (2009) acrescenta que pode-se distinguir uma interculturalidade funcional ao sistema e a interculturalidade crítica, e por sua vez, implica na reorganização do poder nos contextos locais, regionais, nacionais e internacionais, de maneira que a pertença a uma determinada cultura não seja motivo de impotência e marginalização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observamos que as perspectivas Pós-Culturalista e Pós-Crítica apresentam para a educação o desafio de olhar a história a partir de várias narrativas e ao mesmo tempo questionar as grandes narrativas que deram sentido a histórica, assim, encontramos nas duas literaturas evidências que os rastros do processo histórico de colonização na América Latina refletem na educação até os dias atuais. Nesse sentido, as autoras ressaltam a necessidade de questionar o currículo e transformá-lo em algo significativo que apresente a sociedade principalmente em termos culturais .

O conhecimento é um ato inacabado, contudo, o que podemos ressaltar ancorados nas narrativas de Catherine Walsh e Fabíola Pineda é a compreensão que o preconceito é uma falta de conhecimento, quando buscamos conhecimentos, abrimos horizontes, ou como diria Fabíola Pineda, “começamos a construir a terra”, pois o foco não é simplesmente perguntar o porquê, mas buscar compreender o que são as coisas e como elas funcionam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ambientes educacionais são espaços primordiais para buscarmos discussões e interações em prol de uma educação emancipatória e humanizadora, por meio de uma organização curricular que representa as culturas e saberes da comunidade atendida, ou seja, através da interculturalidade. Quando temos uma escola organizada para atender aos interesses do capital e que contribui para a formação de uma sociedade etnocêntrica e não dialogante, a necessidade de reflexão se torna urgente e necessária.

Observamos em Walsh (2009) e Pineda (2009) a importância de todos os grupos pertencentes a sociedade para a formação dessa sociedade, contudo, o processo histórico de colonização na América Latina, com a supervalorização de alguns grupos sobre os outros, ainda deixam rastros significativos na sociedade atual. A intolerância da sociedade acaba refletindo e sendo reproduzida nos ambientes educacionais, devido às organizações curriculares não trazerem um equilíbrio em termos de conteúdos culturais de todos os grupos que formam a sociedade, principalmente da comunidade indígenas e dos afrodescendentes.

O foco do texto tanto de Walsh (2009) quanto de Pineda (2009) é que nenhuma cultura, saberes e práticas são superiores a outras, todos os grupos são importantes para a formação da sociedade, e as organizações curriculares devem evidenciar essas culturas e apresentarem todos os grupos da sociedade. Nesse contexto, as duas autoras enfatizam e instigam a necessidade de questionar a sociedade, buscar uma educação que valorize as diferenças culturais por meio de um caminho intercultural, por meio da criticidade, com a interculturalidade sendo o caminho para uma sociedade justa e integradora.

Como profissionais de educação precisamos intervir na reinvenção da sociedade, buscar a humanização, pois precisamos humanizar e descolonizar. Por meio da interculturalidade os espaços educacionais vão enfatizar o questionamento e quebrar paradigmas da escola reprodutora da cultura das elites dominantes.

A educação intercultural é o caminho para facilitar o processo de ver o “outro” como parte de “nós”. Só por meio da interculturalidade os currículos educacionais vão buscar conteúdos para aprender a conviver, reconhecer e valorizar as diferenças e a consciência humana para a afirmação de que a humanidade só é possível através de nossa pertença a um grupo e da identificação com os grupos concretos.

Palavras-chave: América Latina, Diversidades Culturais, Educação.

REFERÊNCIAS

- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa**. São Paulo, EPU, 1986.
- WALSH, Catherine. **Interculturalidade, Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver**. In: CANDAU, Vera Maria.(org.). Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- PINEDA, Fabiola Luna Pineda. **É hora de sacudir os velhos preconceitos e de construir a terra: sobre a educação intercultural**. In: CANDAU, Vera Maria. Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 94- 123. ISBN 978-85-7577-616-2.